



BANANA DUPLA E SUAS DESIGNAÇÕES NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM ESTUDO COM OS DADOS DO ALiB

Amanda Chofard (UFSC)¹
amandachofard@hotmail.com

RESUMO: Este estudo, que possui como objeto as designações para *banana dupla*, vincula-se ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, e também faz parte do projeto de dissertação da autora. Posto isso, busca-se analisar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional (THUN, 1998), as respostas dadas para a questão 043 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001): “... duas bananas que nascem grudadas?”. O *corpus* em análise abarca as respostas obtidas na rede de pontos da Região Centro-Oeste, perfazendo um total de 24 localidades e o montante de 108 informantes de nível fundamental de escolaridade, no interior, estratificados segundo as variáveis extralinguísticas sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – 18 a 30 anos e faixa II – 50 a 65 anos) e, nas capitais, escolaridade (fundamental e superior). Têm-se como objetivos: (i) realizar um levantamento das variantes registradas pelo ALiB para *banana dupla* na Região Centro-Oeste do Brasil; (ii) mapear a distribuição das variantes por meio do *software* SGVCLin; (iii) verificar quais as variáveis independentes que contribuem para a utilização de determinada variante; e, se possível, (iv) traçar áreas dialetais por meio de isoléxicas. A princípio, pode-se afirmar, em relação aos resultados, que as principais variantes encontradas foram *banana gêmea* e *felipe*. Assim, pretende-se com esta pesquisa, que se insere no campo dos estudos lexicais, contribuir para a descrição do português falado no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Banana dupla. ALiB. Região Centro-Oeste.

ABSTRACT: This study, which has as its object the designations for the *banana dupla*, is linked to the Linguistic Atlas of Brazil Project – ALiB, and it is also part of the dissertation project of the author. In this way, analyzes the theoretical-methodological assumptions of pluridimensional geolinguistics (THUN, 1998), as the answers given to question 043 of the ALiB Lexical Semantic Questionnaire (QSL) (COMITÊ NACIONAL, 2001): "... two bananas that are stuck together?". The corpus under analysis comprised the answers in the network of points in the Center-West Region, making a total of 24 localities and the amount of 108 informants at the fundamental level of education in the interior, stratified according to extralinguistic gender variables (male and female), age range (range I – 18 to 30 years and range II – 50 to 65 years) and, in the capitals, schooling (fundamental and higher). The objectives are: (i) to carry out a survey of the existing versions for ALiB for *banana dupla* in the Central-West Region of Brazil; (ii) mapping a distribution through the SGVCLin software; (iii) to verify which independent variables contribute to the use of a certain variation; and, if possible, (iv) to trace dialectal areas by means of isolexicals. At first, it can be affirmed, in relation to the results, as main variants of the *banana gêmea* and *felipe*. Thus, it is intended with the research, which is inserted in the field of lexical studies, to contribute to a description of Portuguese spoken in Brazil.

KEYWORDS: *Banana dupla*. ALiB. Central-West Region.

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: amandachofard@hotmail.com

1 Introdução

O léxico de uma língua é composto por todos os vocábulos pertencentes a ela e sua função principal é nomear tudo o que existe, desde objetos até aspectos ligados à história e à cultura de dada sociedade. Nesse sentido, sabe-se que o léxico está em constante processo de modificação e ampliação, já que algumas palavras deixam de ser usadas, outras se mantêm e muitas são incorporadas.

Posto isso, esta pesquisa, que se insere no campo dos estudos lexicais e vincula-se ao projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, possui como objeto de estudo as designações para *banana dupla*, as quais são investigadas por meio da questão 043 do Questionário Semântico-Lexical (QSL): “... duas bananas que nascem grudadas?” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

O presente trabalho fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional (THUN, 1998) e delimita como seus objetivos: (i) realizar um levantamento das variantes registradas pelo ALiB para *banana dupla* na Região Centro-Oeste do Brasil; (ii) mapear a distribuição das variantes por meio do *software* SGVCLin; (iii) verificar quais as variáveis independentes que contribuem para a utilização de determinada variante; e, se possível, (iv) traçar áreas dialetais por meio de isoléxicas.

Para o desenvolvimento deste estudo, primeiramente, será feita uma abordagem teórica sobre a geolinguística pluridimensional e sobre o léxico. Em seguida, serão apresentados os aspectos metodológicos e, depois, será feita a descrição e a análise dos dados e, por fim, serão mostradas as considerações finais.

2 Geolinguística pluridimensional

A geolinguística trata-se de um método dialetológico que surge no início do século XX, quando Jules Gilliéron observa a necessidade de recolher dados de fala de maneira rápida e com certa sistematicidade, a fim de tornar possível a comparação dos



falares. Nesse período, a dialetologia passa por um tipo de renovação e busca descrever, principalmente, a variação diatópica, o que revela, no primeiro momento, seu caráter monodimensional.

No Brasil, Nelson Rossi é conhecido como o precursor da geolinguística com o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963) e, a partir desse momento, segundo Romano (2013), os estudos geolinguísticos começam a ganhar força no país.

Conforme o autor supracitado, há dois momentos da geolinguística brasileira. O primeiro, com início na década de 1960, caracteriza-se pela produção de atlas estaduais e pela não existência de uma padronização metodológica, enquanto o segundo, cujos primeiros sinais ocorreram em 1996 com os trabalhos relacionados ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, possui como principais características a pluridimensionalidade, certa padronização metodológica e a elaboração de atlas de pequeno domínio (ROMANO, 2013). Diante do exposto, constata-se que os dois momentos possuem diferentes abordagens, tendo em vista que o primeiro possui caráter monodimensional e o segundo pluridimensional.

A geolinguística pluridimensional firma-se no fim do século XX e baseia-se na interface da sociolinguística com a dialetologia, já que considera a combinação da diatopia com as demais dimensões sociais. Margotti (2004, p. 84) afirma que uma abordagem pluridimensional é importante, pois “como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais”.

Nesse sentido,

a geolinguística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro eixo, inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala (BASSI e MARGOTTI, 2012, p. 51).

Assim, observa-se que a pluridimensionalidade expande os horizontes de pesquisa uma vez que incorpora as variáveis sociais e deixa de lado a visão monodimensional que passa a ser característica da geolinguística tradicional.

3 O léxico

Ao olhar para os estudos geolinguísticos, observa-se que esses abarcam diferentes fenômenos como, por exemplo, fonéticos, prosódicos, morfossintáticos e lexicais. No que tange a esta pesquisa, sabe-se que ela se insere no campo dos estudos lexicais, o qual, assim como a língua, é heterogêneo e variável.

Dentre os níveis linguísticos, o nível lexical pode ser encarado como o menos sistematizável, o que vai ao encontro da ideia de que o léxico extrapola o sistema e é capaz de dar pistas sobre a comunidade linguística da qual um sujeito faz parte.

Para Oliveira e Isquierdo (1998, p. 7), o léxico é um “[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua [...]” e “[...] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...]”.

O léxico de uma língua abarca os signos linguísticos por meio dos quais os indivíduos se comunicam, se expressam e adquirem conhecimentos (BIDERMAN, 1984), assim, a habilidade lexical de um falante advém de suas interações sociais (DIAS, 2009), o que faz suas escolhas lexicais não serem determinadas somente pelo momento do ato de fala, mas também por todas as experiências socioculturais já vividas.

No Brasil, existe uma vasta variação lexical, o que pode ser explicado pela grande diversidade de povos e línguas que contribuíram para sua formação. Nesse sentido, voltando o olhar para esta pesquisa, observa-se a importância das pesquisas lexicais em torno da língua falada, já que esta pode mostrar a realidade dos falantes

dentro de uma comunidade linguística ao longo do tempo, bem como sua relação com os aspectos sócio-histórico-culturais.

4 Aspectos metodológicos

Tendo como base os aspectos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional, o *corpus* deste trabalho constitui-se dos dados coletados *in loco* pelo projeto ALiB nos 24 pontos investigados na Região Centro-Oeste, a saber: Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoréu, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá, Barra do Garças, Cáceres, Alto Araguaia, Coxim, Corumbá, Paranaíba, Campo Grande, Nioaque, Ponta Porã, Porangatu, São Domingos, Aruanã, Formosa, Goiás, Goiânia, Jataí, Catalão e Quirinópolis.

A amostra engloba as respostas dadas para a questão 043 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), “... duas bananas que nascem grudadas?”, por 96 informantes, os quais são estratificados segundo as variáveis sexo e faixa etária, como ilustra o quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Cabe ressaltar que, neste estudo, são utilizados apenas os dados referentes aos quatro primeiros informantes das capitais centro-oestinas, tendo em vista que esses possuem o mesmo perfil que os informantes das localidades do interior.

Com o intuito de averiguar as variantes documentadas, primeiramente, foi realizado o levantamento e a tabulação das respostas dadas pelos informantes. Em seguida, procedeu-se a cartografia por meio do *software* SGVCLin - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014), o qual, além das cartas linguísticas, possibilita a geração de relatórios que trazem a quantificação dos dados em números percentuais e absolutos. E, por fim, foi feita a exegese dos dados e resultados obtidos.

5 Descrição e análise dos dados

A questão 043 do QSL pertence ao campo semântico Atividades Agropastoris e busca documentar as variantes para “duas bananas que nascem grudadas”. Diante das respostas coletadas junto aos 96 informantes foram registradas 18 variantes e todas foram consideradas, contudo, foi necessário proceder ao agrupamento de algumas formas, como ilustra o quadro 2.

Quadro 2 – Agrupamento das variantes registradas para a questão 043 do QSL

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
banana emendada	banana emendada / emendada
banana felipe	banana felipe / felipe / filipe / banana filipa / filipa
banana filipada	banana filipada / filipadas
banana gêmea	banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos
gemi	gemi / gemis



outras	aleijadas / melis / duas juntas
RP	não soube

Fonte: Elaborado pela autora

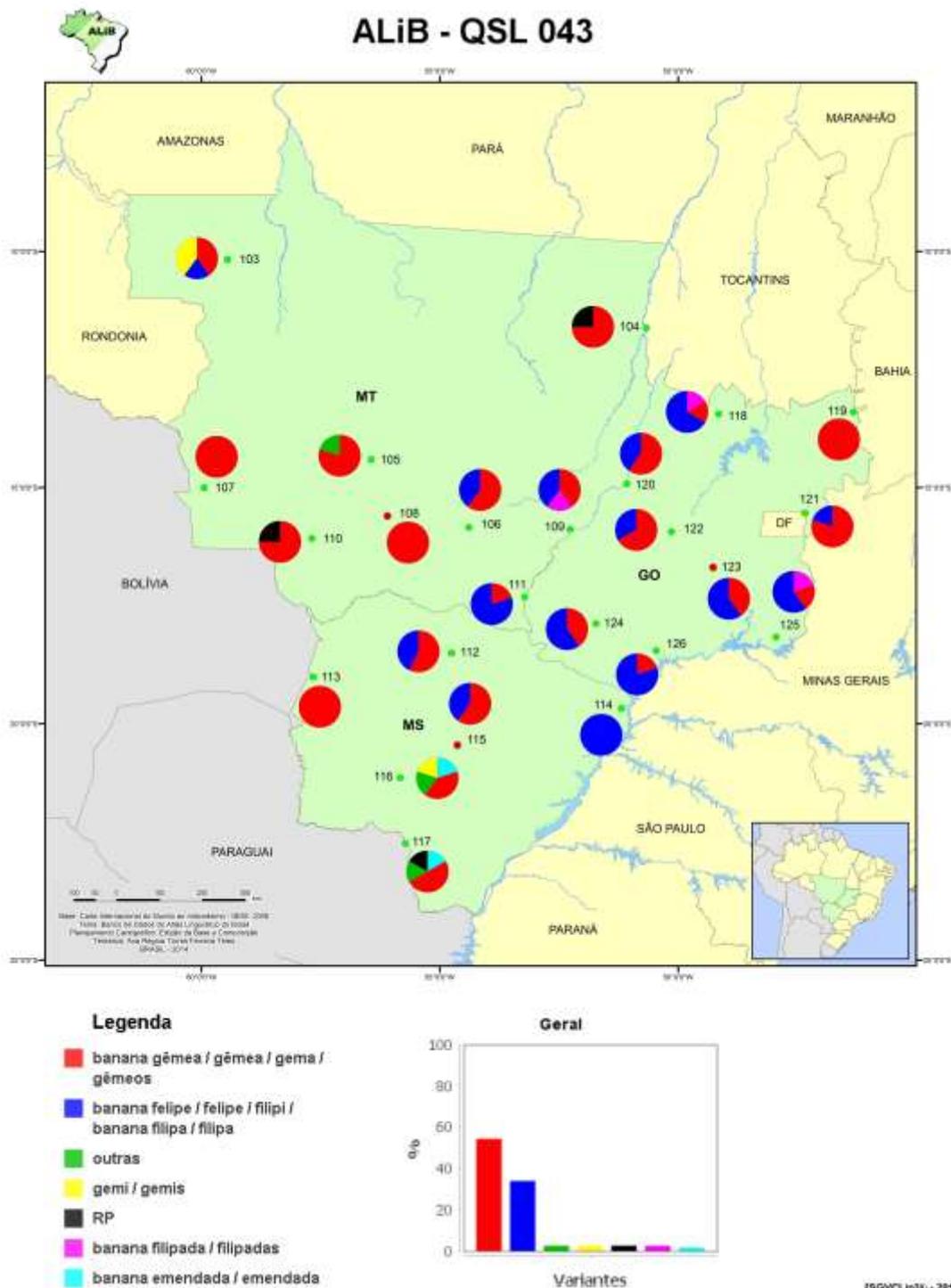
Em relação ao agrupamento feito, cabe ressaltar que se optou por não agrupar os rótulos *banana felipe* e *banana filipada*, bem como as variantes pertencentes a esses, pois considera-se que são lexias que diferem quanto à forma e o significado, uma vez que nas variantes agrupadas em *banana felipe* há apenas flexão de gênero e, em alguns casos, alçamento da vogal pretônica (*felipe* > *filipe* > *filipa*), enquanto que em *banana filipada* há, uma derivação e o acréscimo do significado de processo (tornar-se *felipe/a* ou *filipe/a*). Destaca-se também que as variantes agrupadas em *outras* são formas de ocorrências isoladas.

Para dar início à análise dos dados, primeiramente, será observada a distribuição diatópica das variantes registradas e, na sequência, será verificado em que medida as variáveis independentes podem estar, ou não, contribuindo no condicionamento das respostas.

Como já mencionado, foram documentadas 18 variantes, as quais representam o total de 118 respostas, das quais 46 no estado de Goiás, 31 no Mato Grosso do Sul e 41 no Mato Grosso. Salienta-se que o número total de respostas é maior do que o de informantes, pois foram consideradas todas as respostas dadas.

A fim de ilustrar a distribuição diatópica das variantes, foi elaborada uma carta linguística, para este fim, contemplando os três estados da Região Centro-Oeste que será apresentada a seguir:

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 043 na Região Centro-Oeste



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental *ad hoc* gerada a partir do *software*



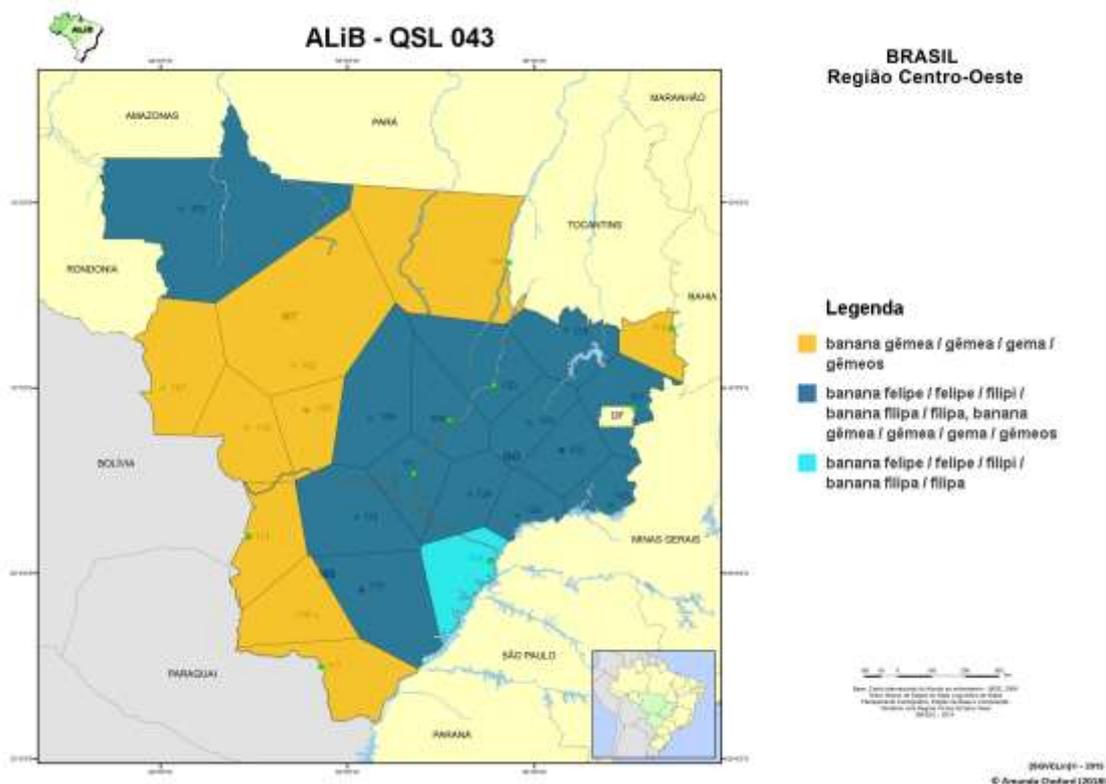
SGVCLin (2015) elaborada e revisada pela autora

Por meio da carta linguística, observa-se que as variantes predominantes são *banana gêmea* e *banana felipe*, juntamente com seus agrupamentos.

Ao buscar a definição dessas variantes em obras lexicográficas com intuito de melhor compreender a utilização de cada uma, verifica-se que não há a dicionarização de *banana gêmea*, entretanto, de acordo com Isquierdo e Romano (2007), a definição original de gêmeo/a é aplicada para as bananas que nascem grudadas e, além disso, o Aulete digital (s/d), na entrada de gêmeo, traz como a segunda acepção “diz-se de cada um dos frutos do mesmo ramo”. Em relação à *banana felipe*, encontra-se dicionarizada apenas a forma *filipe* que possui como definição “cada uma das sementes de algodão que se ligam entre si em função do ataque da lagarta-rosada”, segundo o dicionário Aulete digital (s/d).

Voltando o olhar para a diatopia, constata-se que essas formas ocorrem nos três estados da região, contudo, pode-se verificar que a forma *banana felipe* é registrada com menor frequência na parte oeste da região, o que mostra possíveis áreas dialetais, como se pode visualizar na figura 2 que traça isoléxicas e delimita a arealidade das variantes mais produtivas.

Figura 2 – Arealidade das variantes para a questão 043 na Região Centro-Oeste



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental *ad hoc* gerada a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborada e revisada pela autora

Diante dessa carta linguística, comprova-se a existência de áreas dialetais no Centro-Oeste, tendo em vista que há uma grande faixa englobando o oeste do Mato Grosso do Sul, bem como parte do oeste, do norte e o centro do Mato Grosso, que utiliza apenas a variante *banana gêmea*. Já a forma *banana felipe* configura uma pequena área lexical, tendo em vista que os informantes do ponto 114 – Paranaíba (MS) usam somente essa forma.

No que se refere às demais variantes registradas, elas encontram-se distribuídas pela região e possuem baixa ocorrência se comparadas às majoritárias, como é possível observar por meio dos números absolutos e percentuais trazidos pela tabela 1.

Tabela 1 – Produtividade das variantes registradas para a questão 043 na Região Centro-Oeste

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos	64	54,24%
banana felipe / felipe / filipi / banana filipa / filipa	40	33,9%
RP	3	2,54%
outras	3	2,54%
banana filipada / filipadas	3	2,54%
gemi / gemis	3	2,54%
banana emendada / emendada	2	1,69%
Total	118	100%

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pela autora

A partir dos dados apresentados pela tabela 1, confirma-se que a variante mais produtiva é *banana gêmea*, e seus agrupamentos, perfazendo o total de 64 respostas que correspondem a 54,24%. Como a segunda mais recorrente, aparece *banana felipe*, e seus agrupamentos, com o montante de 40 registros e 33,9%. Em seguida, porém com um baixíssimo percentual, são documentadas as formas *banana filipada*, *gemi* e *outras*, bem como as *respostas prejudicadas*, cada uma dessas variantes totalizam três realizações e 2,54%. Como a menos produtiva aparece *banana emendada* com duas ocorrências e 1,69%.

Dentro desse contexto pode-se afirmar que as variantes tipicamente utilizadas no Centro-Oeste para designar “duas bananas que nascem grudadas” são *banana gêmea* e *banana felipe*, já que as demais formas mostraram-se pouco significativas.

Feita a descrição diatópica, considera-se necessário averiguar se as variáveis independentes, sexo e faixa etária, contribuem para as escolhas lexicais dos informantes. As tabelas 2 e 3 trazem os resultados obtidos.

Tabela 2 – Distribuição das variantes registradas para a questão 043 no Centro-Oeste
por sexo

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
FEMININO		
banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos	36	59,02%
banana felipe / felipe / filipi / banana filipa / filipa	19	31,15%
outras	2	3,28%
banana emendada / emendada	2	3,28%
gemi / gemis	1	1,64%
banana filipada / filipadas	1	1,64%
Total	61	100%
MASCULINO		
banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos	28	49,12%
banana felipe / felipe / filipi / banana filipa / filipa	21	36,84%
RP	3	5,26%
gemi / gemis	2	3,51%
banana filipada / filipadas	2	3,51%
outras	1	1,75%
Total	57	100%

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pela autora

De acordo com os dados apresentados pela tabela 2, é possível observar que as mulheres utilizam mais a forma *banana gêmea* do que os homens, tendo em vista que elas utilizaram essa variante como resposta 36 vezes (59,02%), enquanto eles a usaram 28 vezes (49,12%). Em relação à variante *banana felipe*, essa apresenta-se com certa equivalência na fala dos homens e mulheres, perfazendo o total de 21 (36,84%) e 19

(31,15%) respostas, respectivamente. As demais designações registradas não se mostram representativas.

Assim, infere-se que, embora as mulheres utilizem mais a forma *banana gêmea* que os homens, o sexo não atua como um condicionador na escolha das variantes, tendo em vista que os informantes de ambos os sexos possuem preferência pelas mesmas formas.

Tabela 3 – Distribuição das variantes registradas para a questão 043 no Centro-Oeste por faixa etária

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
FAIXA I		
banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos	35	61,4%
banana felipe / felipe / filipi / banana filipa / filipa	16	28,07%
RP	3	5,26%
banana emendada / emendada	1	1,75%
banana filipada / filipadas	1	1,75%
outras	1	1,75%
Total	57	100%
FAIXA II		
banana gêmea / gêmea / gema / gêmeos	29	47,54%
banana felipe / felipe / filipi / banana filipa / filipa	24	39,34%
gemi / gemis	3	4,92%
banana filipada / filipadas	2	3,28%
outras	2	3,28%
Banana emendada / emendada	1	1,64%
Total	61	100%

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pela autora

No que tange à faixa etária, pode-se verificar que tanto os informantes da faixa I quanto os da faixa II utilizam preferencialmente as formas *banana gêmea* e *banana felipe*, contudo, observa-se que os jovens usam muito mais a variante *banana gêmea* (61,4%) do que *banana felipe* (28,07%), enquanto que na fala dos informantes de 50 a 65 anos o uso de *banana felipe* é um pouco maior (39,34) do que entre os mais jovens.

Assim, torna-se possível afirmar, ainda que timidamente, que a dimensão diageracional atua como um condicionador das respostas, já que os informantes de 18 a 30 anos têm maior predileção pela forma *banana gêmea* do que pelas demais variantes e *banana felipe* parece ser uma variante associada à fala dos informantes da faixa II. Além disso, nota-se que os informantes da faixa II, ainda que com baixa ocorrência, utilizam mais variantes do que os jovens. Nesse sentido, infere-se que essa variação diageracional pode estar ligada ao fato de os informantes da faixa II terem tido mais contato com o ambiente rural, o que proporciona um maior conhecimento sobre as questões voltadas ao campo, ao contrário do que acontece com os informantes da faixa I que, em sua maioria, sempre viveram em ambientes urbanos e utilizam mais as formas recorrentes nas cidades.

Dentro desse contexto, depreende-se também que *banana felipe* vem deixando de ser usada, o que pode, futuramente, vir a configurar uma mudança linguística.

Considerações finais

Com base no *corpus* analisado, torna-se possível afirmar que as variantes *banana gêmea* e *banana felipe*, bem como seus agrupamentos, são as formas predominantes na Região Centro-Oeste para designar “duas bananas que nascem grudadas”.

No que se refere à distribuição diatópica das duas formas majoritárias, foi possível identificar áreas com isoléxicas, já que há uma grande faixa que perpassa o oeste do Mato Grosso do Sul e parte do oeste, do norte e o centro do Mato Grosso onde



se utiliza apenas a variante *banana gêmea*, enquanto que os informantes de Paranaíba (MS) usam apenas a forma *banana felipe*, configurando assim uma pequena área lexical.

Em relação às variáveis sociais controladas nesta pesquisa, constata-se que a dimensão diageracional atua como um condicionador das respostas, ao contrário do que ocorre com a dimensão diasssexual. Por meio da análise dos fatores extralinguísticos também é possível inferir que a variante *banana felipe* apresenta uma tendência a deixar de ser usada, contudo, tal afirmação só poderá ser atestada em trabalhos futuros.

Perante o exposto, conclui-se que são diversas as formas para designar as bananas que nascem grudadas, no entanto, apenas duas se sobressaem na região investigada, além disso, pode-se afirmar que a cartografia mostra-se como uma excelente aliada no que tange à visualização da variação diatópica, tendo em vista que possibilita o mapeamento dos falares e a delimitação de possíveis áreas dialetais existentes no português falado no Brasil.

Referências

AULETE, Caldas. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico na capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012. p. 49-78.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A ciência da lexicografia**. São Paulo: Alfa, 1984.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

DIAS, Flávia, M. P. de C. Léxico, estrangeirismos e empréstimos: fatores que determinam a identidade sociocultural de um povo. In: ARAGÃO, Maria do S. S. de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009. p. 41-49.



ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. **Um estudo rural vs urbano na fala do homem urbano: perspectiva geolinguística.** Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2007_g/textos/17.htm>. Acesso em: 7 jun. 2018.

MARGOTTI, Felício Weslling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil.** 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 7-9.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, n. 2, jul./dez.2013, p. 203-242.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. **[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes.** Bruxelles, 1998, p. 367-409.

Recebido Para Publicação em 19 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de julho de 2018.